Caderno do FB

Alcides Villaça

Já há alguns anos venho me mexendo neste “espaço virtual”, conferindo o quanto ele tem de real, de influente, de formador, de desnorteador, de carência, de cruel, de bobagem e de contribuição, em qualquer forma que possa se “postar”. Logo me dei conta de que este FB é um cadernão doméstico, nacional ou galáctico, em que cada um diz o que quer e ouve o que não quer, ou vice-versa. Me fascinou a resposta imediata de eventuais interessados, a reação aqui singela, ali crítica, mais adiante polêmica, provando que há muitas e muitas pessoas na ponta da linha. Me fascinou a possibilidade de citar gente boa, de transcrever versos, de exprimir posição, de tentar uma estrofe, de jogar variadas garrafas ao mar sem fim de palavras. Passou a fazer parte da minha manhã o pão a comer e servir, oferecendo aos “amigos” que nunca vi um farelo quem sabe comestível. Meu caderno de menino, caderno em branco pronta para o início das aulas, tomou esta falsa forma de tela luminosa, quando na verdade aguarda o mesmo lápis preto número 2 que eu usava para contar histórias ou dar pequenos recados.

Não desconheço tudo o que há de forte determinação no sistema FB ao acolher e às vezes dissolver a pessoalidade de cada um em seu painel incomensurável; mas não me esquivo à oportunidade aberta de tentar ser o da linguagem que exponho em busca de outros sujeitos e suas linguagens. Continua me fascinando o fato de que na trama caótica das redes sociais sempre é possível propor uma ordenação – mínima que seja – de nossos pensamentos, de nossas paixões, de nossas necessidades. Neste cadernão das multidões tenho escrito o que quero e lido o que preciso. Nenhum caderno, sei, substitui a vida; mas a vida que segue lá fora pode alimentar e iluminar este caderno, exatamente quando nossos caminhos parecem ser trilhados às cegas.